

## ABRINDO AS CORTINAS

O que eu desejaria, e disse a ela, era poder contar, e deixar contado, coisas que os que estão começando hoje não sabem. E, possivelmente, não viriam a saber nunca, que a memória do teatro é fraca. Mesmo entre as gentes do teatro. Muito permanece ignorado por puro desinteresse. E as informações nem sempre são fáceis de se encontrar. As que existem, infelizmente, são bem poucas em relação ao que poderia, ao que deveria haver. Creio que é importante deixar tudo isso documentado para os que virão. Como parte de um todo ao qual deve pertencer, de forma indestrutível, a noção do respeito que se deve ter pelo teatro e pela profissão (VIOTTI, 2000, p. 16).

Essa epígrafe é parte do diálogo entre o ator Sergio Viotti e a atriz Dulcina de Moraes. Embora tenha sido publicado em 2000, ainda hoje pode ser usado para retratar o quão frágil é a memória sobre o teatro do Brasil. De tal forma que também dialoga com as propostas deste relevante Seminário *HistóriaS do Teatro Brasileiro*,<sup>1</sup> efetivado na sede do SESC-Goiânia, para abordar hoje, 14 de outubro de 2016, a produção referente a Região Centro-Oeste do país. Porque reunir quem

trabalha e/ou estuda esse tema, mesmo diante das precariedades da área e da ineficiência (quando não inexistência) das políticas públicas culturais, é colaborar com a noção do respeito que se deve ter pelo teatro e sua profissão, conforme defende Viotti.

O contexto de precariedade dos acervos e dos documentos do âmbito teatral, traduzido como fragilidade da memória cênica, existe por diversos motivos. No entanto, independente das razões de origem os resultados são quase sempre o surgimento de mais dificuldade. Tanto para encontrar documento e informação na área cênica, quanto para preservar o pouco arduamente conquistado. Para Viotti (2000) esse cenário se estende por todo Brasil. Por mim, no local de fala de quem realizou algumas pesquisas na cidade onde nasci e ainda moro e trabalho como professora, confirmo que lamentavelmente Brasília e todo Distrito Federal ainda não são exceções. Investigar, escrever e conhecer qualquer faceta do seu teatro é sempre um desafio. Faz-se necessário recorrer a muitos jornais, acervos particulares, contatos de amigos e meia dúzia de livros que mencionam o teatro em meio a história da capital e nesse contexto busco subsidiar o título desta fala.

---

<sup>1</sup> O seminário *HistóriaS do Teatro Brasileiro* está sendo realizado nas cinco regiões do país, orquestrado pelo SESC Nacional em consonância com o projeto da Profa. Dra. Angela de Castro Reis (UNI-RIO) e Ana Luisa Lima (RJ). Para mais informações, contato: [reisangela2003@gmail.com](mailto:reisangela2003@gmail.com) e/ou [analuisalima@ymail.com](mailto:analuisalima@ymail.com)

## CENÁRIOS E PERSONAGENS

É possível identificar Brasília por suas linhas geográficas. Ela é facilmente identificável no mapa brasileiro graças às duas imagens gráficas nele representadas: um quadrado localizado no Centro-Oeste e um possível *avião*, no interior desse quadrado, esparramado pelas terras vermelha do Planalto Central. O quadrilátero de mais de cinco mil km<sup>2</sup> é o Distrito Federal (DF) e o corpo central relacionado ao Eixo com suas Asa Sul e Asa Norte ocupa apenas 473,03 km<sup>2</sup>, delimitando o chamado Plano Piloto ou Brasília,<sup>2</sup> capital da República do Brasil. Estima-se, pelo IBGE (2016) que atualmente vivem quase três milhões de pessoas no DF e mais de 200 mil no Plano Piloto distribuídas pelos 14 km de extensão que somam juntas as duas asas. Comumente anunciada pela mídia por ser sede das resoluções políticas e econômicas do país, Brasília foi desenhada por Oscar Niemeyer, urbanizada por Lúcio Costa e inaugurada em 21 de abril de 1960, pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Mesmo

ainda sendo uma jovem cidade, em dezembro de 1987, foi declarada pela UNESCO como *Patrimônio da Humanidade*, pela singularidade de sua arquitetura planejada.

Como sugere Benjamin (1995, p. 73), perceber uma cidade é perder-se em suas sutilezas. É ir além da morfologia que delinea seus espaços. É olhar para o corpo significativo que produz discursos ao acolher seu rap, poesia urbana, música, grafitos, pichações e vendedores de coisa-alguma (ORLANDI, 2004, p. 31). Tal qual seu teatro, dentre outros aspectos, sendo sobre essa história local, seu arquivo de memórias e representações que dela fazem seus atores (NEGRÃO DE MELLO, 1998, p. 46) que nascem atributos e significados cênicos das quais em parte abordo neste texto.

O próprio dicionário de teatro admite que a palavra *teatro* abrange desde prédios arquitetônicos até expressões estéticas com inúmeras nuances (TEIXEIRA, U., 2005, p. 254). Patriota (2004, p. 231) afirmar que a menção ao *teatro* significa evocar as seguintes áreas artísticas: dramaturgia, iluminação, cenografia, figurinos, trilha sonora, interpretação e outras mais. Logo, cabe a quem pesquisa a clareza de tratamento do assunto, para que se efetive uma necessária aproximação entre as produções das cênicas e as outras áreas,

---

<sup>2</sup> Após a subdivisão do Distrito Federal (DF) em regiões Administrativas, a RA-I (Lei de criação: 4544 de 10 de dezembro de 1964) era designada como *Plano Piloto* e incluía outras Regiões Administrativas. Mais tarde recebeu o nome de *Brasília*. Há várias discussões teóricas se essa limitação às áreas descritas anteriormente restringiu ou não a chamada cidade de Brasília à RA-I. Não entrarei nessa análise, considerarei, aqui, o Plano Piloto como Brasília.

sejam História, Ciência da Informação, Arquivologia, Museologia ou qualquer outra que deseja o exercício da multidisciplinaridade. Imbuída desse cuidado, sinalizo que neste texto *teatro* é observado como produtor de *documento*. Como um criador de unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato, conforme explica o Dicionário de Terminologia Arquivística (2005, p.73). Sendo esse documento, de preferência, parte de um *acervo* em que representa os documentos de uma entidade produtora ou de uma entidade custodiadora (2005, p.19).

Esse emolduramento conceitual permite elucidar sentidos e indicar pensadores que circundam essas linhas. Tal qual alarga a interpretação de *acervo* e de *documento*; reconfigura o significado de *Brasília* e ressalta o *teatro* como uma modalidade de narração num conjunto em movimento que, interligado à cidade, apresenta outros ângulos de sua história. Por certo a proposta não visa trazer fatos cronológicos ou referências a um modo de produção teatral, como respectivamente fizeram Duarte (1983) em seu livro sobre a Educação e as Artes em Brasília e Brochado (2001) em sua dissertação de mestrado sobre teatro de mamulengo no DF. Na verdade, a intenção me aproximar dos documentos sobre teatro no Distrito Federal foi de provocar espaço para a cidade ser lida por meio do teatro, tal qual

o teatro ser visto por dentro do DF, num entrecruzamento de histórias escovadas a contrapelo, como sugere Benjamin (1994) ao chamar atenção para o que há por dentro das narrativas ditas “oficiais”.

Além dessas obras citadas e seguindo a reflexão sobre os conteúdos que colaboram para pensarmos sobre as memórias e as histórias sobre teatro-DF ressalto, em ordem cronológica de publicação, os seguintes trabalhos: todos os Anuários Brasileiros de Artes Cênicas publicados entre 1976 e 1981 (Fundacen/RJ) por trazerem os nomes das peças, dos artistas e dos locais de apresentações teatrais realizadas nas Unidades Federativas, incluindo o DF; A obra da Maria Helena Kühner (1987) apresentando radiografia sobre o teatro amador do Brasil entre 1974-1986 tendo contemplado parte dos amadores da cidade; O livro *Cabeças* (1989) onde os autores trazem as atividades desse grupo junto a outros artistas da época; As produções do Prof. Dr. João Gabriel Lima Cruz Teixeira (Sociologia/UnB) que desde 1990 está envolvido com a sociologia da arte, práticas de performances e ações teatrais da universidade e área cênica local; O livro do Prof. Dr. Fernando Villar e Eliezer Carvalho (2004) que traz coletânea de textos dos artistas relatando suas experiências teatrais no DF e Minha dissertação de mestrado (2006) construída na perspectiva da história oral

com as memórias e as histórias de alguns protagonistas dos fazeres teatrais da cidade.

Vale registrar que após o ano 2000 e com a aproximação do aniversário de cinquenta anos de Brasília, algumas obras e projetos foram surgindo na direção de abordar as trajetórias cênicas do DF. Destaco cinco livros: *Todos Caem* (Irmãos Guimarães, 2004); *Hugo Rodas* (Mota, 2010); *O Sonho Candango* (Ribondi et al, 2012); *Canteiro de obras* (Coradesqui, 2012) e *A cidade teatralizada* (Araujo, 2012). Também aponto o *Projeto Itaú Cultural* (2010-2012), sob coordenação do Prof. Dr. Fernando Villar, com a intenção de construir verbetes sobre alguns artistas e produções locais e até, mais recente, a publicação de uma pesquisa que traça o *Perfil dos Trabalhadores da Cultura do DF* (Fuenzaliza, 2016), que traz dados importantes para favorecer as construções de política pública cultural da cidade.

De modo direto podemos afirmar que não há em Brasília um acervo exclusivo para teatro, onde documentos e/ou informações são direcionados à sociedade em geral. No entanto, é possível encontrar esse conteúdo em acervos espalhados pelo mapa do cerrado central. Em 2004 escrevi (2004, p. 57-69) sobre documentações do teatro em Brasília disponíveis em seis acervos:

Arquivo Público do Distrito Federal; Centro de Documentação (Cedoc) do Jornal Correio Braziliense; Cedoc da UnB; Banco de Textos do Instituto de Artes da UnB; Biblioteca da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes e Biblioteca Central da UnB. Dois anos depois, ao defender minha dissertação de mestrado (Carrijo, 2006), afim de facilitar futuras pesquisas na área, detalhei as fontes encontradas e relatei o que se poderia ou não localizar nos acervos e nos bancos de dados consultados. De tal forma que somei aos lugares citados, os bancos de informação do CNPq, da CAPES, da Funarte (DF e RJ) e do Cartório de Ofício Marcelo Ribas; a visita ao acervo museal de Dulcina de Moraes (DF) e aos acervos particulares de atores e atrizes na cidade, sobretudo daqueles que havia entrevistado na pesquisa: Geraldo Martuchelli; Hugo Rodas; Humberto Pedrancini; Iara Pietricovsky; Jesus Vivas; João Antônio de Lima Esteves; José Maria B. de Paiva e Carlos Augusto Pereira da Silva. E vale aqui acrescentar que há também no Campus Darcy Ribeiro da UnB o Acervo do Projeto Tubo de Ensaios, da Diretoria de Esporte, Arte e Cultura (DEA/UnB - subsolo do ICC - Ala Sul), que sob coordenação do ator e servidor Magno Geraldo Ribeiro de Assis, ao longo dos anos 2000, foi armazenando objetos, figurinos, fotos, textos, cartazes e fontes gerais que contam sobre a

experimentação das atividades cênicas da universidade.<sup>3</sup>

Após 2010, sendo professora na UnB, coordenei o projeto “Teatro/DF nas reportagens do Jornal de Brasília (1972 – 1982): fontes de pesquisas”, tendo estudantes de iniciação científica vinculadas ao CNPq e a universidade para frequentar o Cedoc do jornal afim de inventariar as notícias publicadas sobre teatro/DF nesse período citado. Encontramos quase três mil registros sobre o assunto. Acredito que essa documentação proporcionará elementos de análise para avaliar as metodologias de busca desse tipo de informação; interpretar a trajetória cênica da cidade e avaliar se os demais anos de publicação do periódico deverão ser também mapeados em outro momento e publicados possivelmente até dezembro de 2017, graças ao apoio financeiro que virá do Fundo de Apoio à Pesquisa (FAPDF) ano que vem.<sup>4</sup> É possível que consigamos propor um Guia de Fontes Jornalísticas sobre teatro/ DF, agregando

todos os dados de reportagens desse mesmo tema publicadas entre 1960 e 1999 de um outro jornal, o Correio Braziliense (CB), cujo projeto de inventariado já foi concluído, encontrando quase oito mil registros a respeito.<sup>5</sup> Espero em breve apresentar dados mais sólidos a esse respeito, mesmo porque minha tese de doutoramento tem como objetivo analisar o conteúdo dessas reportagens localizadas no CB.<sup>6</sup>

Nesse panorama de atividades realizadas desde 2003, destaco minhas impressões sobre três espaços. Do Arquivo Público do DF (ArPDF) com seus 532 cartazes de espetáculos encenados na capital. Cujas gama de potencialidade interpretativa merece ser explorada junto aos outros 4.937 cartazes divididos por cinema, dança, artes plásticas, literatura e projetos diversos recolhidos do Centro de Documentação Cultural da Fundação Cultural do DF (CDRC/ FCDF).

Da instituição privada Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, criada pela

---

<sup>3</sup> Para saber mais, entrar em contato com Magno Assis (DEA/UnB) e/ou acessar informações disponíveis em <http://www.dea.unb.br>, acesso 13 out., 2016.

<sup>4</sup> Edital FAPDF 08/2016 (29/06/2016) - Seleção pública de propostas de pesquisa histórico-documental sobre Memória, identidade cultural e patrimônio material e imaterial de Brasília. Linha de Pesquisa C.3. Título do projeto: Inventários de Cenas - mapeamento de fontes sobre o teatro-DF. Coordenadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Abreu Gomes e Supervisora Prof. Ms. Elizângela Carrijo. Resultado publicado no DODF, 19 de setembro de 2016, No. 177, p. 31. Ainda hoje (14/out/2016) sem recebimento da verba, mas em fase de assinaturas contratuais.

---

<sup>5</sup> Ao somar o resultado desses dois projetos, Brasília terá conseguido agregar todas as notícias publicadas sobre teatro/DF, ao longo do século XX, segundo as suas duas maiores mídias impressas. O levantamento das reportagens desse assunto no Jornal Correio Braziliense abarcou o período de 1960 a 1999. Foi coordenado por mim junto a equipe do então Núcleo de Pesquisa do Cedoc/CB, entre 2005 e 2007. O resultado final tabulou 7.828 registros que ocupam 312 páginas impressas, ainda não publicado mas disponível para consultas no Cedoc da própria empresa.

<sup>6</sup> Essa minha pesquisa de doutoramento está em andamento no Programa de Pós-Graduação de Comunicação da UnB, Linha de Pesquisa Jornalismo e Sociedade. Orientador Prof. Dr. David Renault.

própria Dulcina na década de 1970, que dispõe de um acervo com materiais da trajetória da atriz. Embora o local não seja abandonado, visualmente é bagunçado e fora de qualquer padrão de preservação e/ou conservação. Dispostos em gavetões, estantes e cabides estão vestidos luxuosos, sapatos, chapéus, bolsas, fotografias, quadros, discos, perucas, adereços, móveis e outros objetos usados pela companhia teatral da atriz. Em 2005 esse acervo localizava-se no subsolo, em 2006 e em 2010 sofreu transferência para outras partes do prédio. O vai-e-vem sem os devidos cuidados, acaba por deixar ainda mais vulnerável o precioso patrimônio, que segundo os responsáveis aguarda por captação de recursos para receber tratamento adequado. Enquanto isso, ao longo de 2015, a então estudante de Museologia (UnB), Talita Ávila Lucena, realizou mapeamento de todos os itens do acervo Dulcina encontrando por lá 4.478 itens possíveis de serem classificados em quadros explicativos quais eram os objetos orgânicos, inorgânicos e mistos dispostos nesse subsolo da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (FADM – Conic, Asa Sul, Brasília).<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> LUCENA, Talita Ávila. *Acervo do Dulcina de Moraes – Fundação Brasileira de Teatro: histórias e análises* (2015). Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado de Museologia. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2016. [Orientação: Elizângela Carrijo].

Conheci alguns acervos particulares cultivados pelos próprios artistas na cidade. Sendo o do ator José Maria Bezerra de Paiva (conhecido como B. de Paiva) o que mais chama atenção pelo tamanho de 8 quilômetros lineares de documentos,<sup>8</sup> preservados e organizados segundo a especial boa vontade cultivada ao longo dos seus quase 80 anos de idade. Até 2006 o tesouro ficava dentro da casa com quadros, fotografias, cartazes, livros, panfletos, programas teatrais, máscaras e esculturas dispostos nos cômodos e nas centenas de caixas-arquivo que armazenam a história da Fundação Brasileira de Teatro, as atividades cênicas realizadas no Brasil e, especialmente, em Brasília. Todavia, devido aos problemas de saúde e a dificuldade de manter a massa documental, após 2010, B. de Paiva transferiu tudo para chácara de um amigo. Sem, até o momento, receber qualquer oferta do poder público para guardar, tratar e/ou preservar esse patrimônio.

## RESPEITÁVEL PÚBLICO

---

<sup>8</sup> A composição desse acervo é aproximadamente: 1719m. de imagens; 8645m. de livros; 30 peças de museus; 1890m. de documentação; 40 tubos de jornais; 2,40m. de discos em vinil e 2,10m. de slides. A arquivista Luciene Carrijo e eu mensuramos esses documentos em maio de 2006, quando ainda estavam na casa dele em Luziânia/GO.

De maneira geral, a fala de hoje, neste seminário no SESC-Goiânia, aponta para as seguintes considerações finais:

- Em Brasília há documentos e informações sobre teatro.
- Em Brasília essas fontes não recebem políticas e/ou regulamentações específicas. Não há acesso específico e organizado a respeito porque o poder público é ausente.
- Acervos arquivísticos, bibliográficos e museais são potenciais que merecem ser explorados e analisados por quem investiga o teatro brasileiro.
- O fato de existir documentação e informação (mesmo que não organizada até o momento) indica que as pesquisas sobre as memórias e as histórias do teatro-DF devem existir. Porque ações e demanda nessa direção promovem transformação no cenário.
- Até o momento, o levantamento demonstra que os registros jornalísticos sobre teatro se sobressaem enquanto fontes sistematizadas para consultas e pesquisas.
- As pesquisas caminham para outra etapa: base de dados e disseminação do acesso, mas sem tempo determinado para conclusão.
- Os acervos particulares e as memórias dos artistas demonstram potenciais que merecem aproximação.
- Demonstra-se urgente e necessário a promoção de espaços para

compartilhamento de experiências entre as diversas gerações de artistas da cidade.

- Esse quadro indica nicho para atuação de profissionais que lidam com informação.
- Para transformação desse cenário é preciso que haja trabalho em conjunto dos artistas, historiadores, arquivistas, bibliotecários, comunicólogos, museólogos, cientistas da informação e sociedade civil. Todos produzindo reflexões com características multi e interdisciplinares. A colaboração de todos/as é bem-vinda!

Esses pontos lembram-me sobre o debate que o local onde está a informação não é mais importante que o acesso permitido à ela (Jardim, 1999). Compreendo e concordo com essa defesa do meio arquivístico, mesmo porque possibilitar o acesso à informação é dever constitucional de qualquer acervo, sobretudo os de âmbito público após a sanção da LAI (Lei No 12.527/2011).

Contudo, diante da dura realidade dos acervos que abrigam a cultura teatral brasileira, em especial no caso de Brasília (que não existe acervo específico), onde há a absoluta ausência do poder público frente a essa questão, já tenho ficado satisfeita ao descobrir pelo menos onde estão os documentos e as informações sobre essa memória cênica local. Facilita

(e muito) o trabalho dos investigadores da área.

Mesmo porque não consigo deixar de admirar as ações isoladas de pessoas generosas e compromissadas em guardar, nas próprias casas, documentos que contenham fragmentos das memórias cênicas. Provavelmente sem elas nada mais restaria de materialidade dessas trajetórias na cidade. Graças a elas resistimos (de maneira trôpega) à generalizada falta de política cultural, recursos adequados, equipe técnica ou profissionais especializados em relação ao trabalho de guarda, tratamento e preservação que documentos ligados a cultura existem. Claro que tendo em vista a vulnerabilidade dessas guardas e a dependência direta da saúde e da boa vontade das pessoas, é previsível que esse mapa de localização dos documentos se modifique constantemente (quando não se agravar de vez). Mas embora a incerteza seja a protagonista nesse cenário, a felicidade dos personagens-pesquisadores em saber que há documentos sobre teatro espalhados em vários lugares do DF alimenta ao menos movimento para seguirmos na produção de conhecimento.

Enquanto o poder público cochila e deixa de cumprir suas obrigações, cabem às pessoas em geral a participação para construirmos as memórias e as histórias culturais da nossa sociedade. Isso tem

sido visível quando observamos que é fora do governo e dentro das universidades e/ou de eventos e de espaços apoiadores da cultura que estão existindo raros seminários como este, ou palestras, pesquisas e demais atividades que permitem denúncia, debate, trocas de experiências, comunicação e sensibilização dos artistas e da sociedade civil frente ao tema da memória e das histórias teatrais.

Não creio que exista receita pronta para conseguirmos modificar essa situação, tampouco são poucas as complexidades ao redor de desenvolver políticas públicas culturais no Brasil. Por isso o assunto não se esgota, menos ainda neste texto. Ao contrário. Aqui ficam muitos desejos e votos nas entrelinhas. Desejos que surjam novas questões, considerações, discordâncias, tensões, encontros e ações a fim de modificarmos esse cenário de escassez e que possamos colaborar com os artistas e com as plateias para construção e preservação de memórias que estimulam o contínuo abrir das cortinas desse palco sobre as histórias cênicas do país.

Particularmente acredito no poder do diálogo, nas possibilidades de construção de redes de interessados e na força da cobrança organizada ao setor público (inclusive para reforçar seu espaço democrático e coletivo). Desse modo, defendo que sejam por essas vias que



saibamos potencializar as transformações e as novas produções, dando à História em seu poder de descobrir o que está latente por trás do aparente, o não-visível através do visível, como sugeriu o historiador Marc Ferro em relação as produções históricas diante do Cinema (1992, p. 77;88). Podemos também por esse caminho nos inspirar e agir.

---

## REFERÊNCIAS

- ARQUIVO NACIONAL. Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. RJ: Arquivo Nacional, 1995. – Disponível em [http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion\\_Term\\_Arquiv.pdf](http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf) , acesso out.2016.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE ARTES CÊNICAS. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ FUNDACEN, 1981.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/ FUNDACEN, 1982.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ SNT/ DAC/ FUNARTE, 1976.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ SNT/ DAC/ FUNARTE, 1977.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ SNT/ DAC/ FUNARTE, 1978.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ SNT/ DAC/ FUNARTE, 1979.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ SNT/ DAC/ FUNARTE, 1980.
- ARAUJO, Celso. A cidade teatralizada. Brasília; Instituto Terceiro Setor, 2012, 229p.
- ArPDF – ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Disponível em <http://www.arpdf.df.gov.br/>, acessado em out., 2016.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I - Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Rouanet. SP: Brasiliense, 1994.
- BROCHADO, Izabela Costa. *Distrito Federal: o mamulengo que mora nas cidades - 1990 a 2001*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- CARRIJO, Elizângela. Teatro de Brasília: uma história documentada? In: VILLAR, F.; CARVALHO, E. *Histórias do Teatro Brasiliense*. Brasília: Artes Cênicas IdA/UnB, 2004.
- \_\_\_\_\_. Teatro en Brasília en escena: fragmentos de una historia poco representada (Brasília - 1970/1990). In Encuentro Nacional, 7., 2005 y Congreso Internacional de Historia Oral de la Republica Argentina, 1., 2005, Bueno Aires.
- \_\_\_\_\_. *(A)bordar Memórias, Tecer Histórias – Fazeres Teatrais em Brasília (1970-1990)*. 2006. 292 f.. Dissertação (Mestrado em História Cultural). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006. [Orientadora: Profa. Dra. Nancy Alessio Magalhães].
- CORADESQUI, G. Canteiro de obras: nota sobre o teatro candango. Brasília: Enzina Cultural, 2012.
- Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em <http://www.portal.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf> , acesso 19 jul, 2012.
- DUARTE, Maria de Souza. *A Educação pela arte – o caso Brasília/ o caso Teatro Garagem*. Brasília: EdUnB, 2011 [publicação baseada da dissertação defendida em 1983, na UnB]
- ENCICLOPEDIA ITAU CULTURAL – Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/> , acesso out., 2016.
- FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FUENZALIDA, Maria Paz; COSTA, D.J; PALHARES, M. *Perfil dos trabalhadores da cultura do DF: 2014-2015*. Brasília: Athalaia, 2016, 92p.
- GUIMARAES, A.; GUIMARAES, F. Todos os que caem. Brasília, S.ed, 2004 (tiragem via CCBB - Brasília)
- JARDIM, José Maria. O acesso à informação arquivística no Brasil: problemas de acessibilidade e disseminação. Caderno de Textos. Mesa Redonda Nacional de Arquivos, 1999. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. Disponível em <https://arquivoememoria.files.wordpress.com/2009/05/informacao-arquivistica-no-brasil.pdf> , acesso out., 2016.
- LAI - LEI DE ACESSO A INFORMACAO 12.527/2011 – Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/lei/112527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/lei/112527.htm) acesso out., 2016.

KÜHNER, Maria Helena. **Teatro Amador**: radiografia de uma realidade (1974-1986). Rio de Janeiro: INACEN/ Ministério da Cultura, 1987.

LÚCIO, Néio; GUERRA, Kido. *Cabeças*. Brasília: Realização Cabeça, 1989.

LUCENA, Talita Ávila. *Acervo do Dulcina de Moraes – Fundação Brasileira de Teatro*: histórias e análises (2015). Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado de Museologia. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2016. [Orientação: Elizângela Carrijo]

MOTA, Marcus. Hugo Rodas: artes cênicas, teatro brasileiro e biografia. Brasília: Editora ARP Brasil, 2010.

NEGRÃO DE MELLO, Maria T. F. *O espetáculo dos moradores do símbolo* (a mobilização por "diretas já" da perspectiva de Brasília/ 1984). Tese de Doutorado, ECA/USP, SP, 1987.

TEIXEIRA, João Gabriel. *Performance e misticismo na Capital Federal*: A contribuição de Dulcina de Moraes para formação das artes cênicas em Brasília. Anais do IV Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Memória ABRACE X) Rio de Janeiro 2006. p.58-59. Disponível em:

<http://www.portallabrace.org/Memoria%20Abrace%20X%20digital.pdf#page=58> Acesso em: 20 set. 2014.

\_\_\_\_\_. *O enigma da esfinge ou a incorporação de Dulcina de Moraes no processo de formação de talentos nas artes cênicas em Brasília*. Revista Urdimento, nº 14. Junho 2010. Disponível em: [http://antigo.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2010/urdi mento\\_14\\_-\\_final.pdf#page=55](http://antigo.ceart.udesc.br/ppgt/urdimento/2010/urdi mento_14_-_final.pdf#page=55). Acesso em: 20 set. 2014.

\_\_\_\_\_. *A formação do campo artístico na Capital Federal do Brasil*. Revista Sociedade e Cultura. v. 10, n. 2. 2007. Disponível em:

<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/3137/3142>. Acesso em: 22 set. 2014.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Performance, cultura e espetacularidade*. Brasília: Editora da UnB, 2000.

TEIXEIRA, Ubiratan. *Dicionário de Teatro*. São Luís: Editora Instituto Geia, 2005.

TUBO DE ENSAIOS - Disponível em <http://www.dea.unb.br>, acessado out., 2016.

ORLANDI, P. Eni. *Cidades dos sentidos*. Campinas-SP: Pontes, 2004.

PATRIOTA, Rosângela. O Historiador e o Teatro: texto dramático, espetáculo, recepção. In: PESAVENTO, Sandra J. (Org). *Escrita, linguagem, objetos*: leituras de história cultural. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

REVISTA ENTRELINHA E CONCRETOS: Teatro Brasiliense Contemporâneo, N1. Brasília: setembro 2009. [issn: 2175-5094]

RIBONDI, A.; PEREIRA, C.; SCHETTINO, R. O Sonho Candango – Memórias Afetiva dos Anos 80. Brasília: Gabinete C, 2012, 230p.

VILLAR, Fernando P.; CARVALHO, Eliezer F. *Histórias do Teatro Brasiliense*. Brasília: Artes Cênicas IdA/UnB, 2004.

VIOTTI, Sérgio. *Dulcina e o teatro de seu tempo*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

**\* TEXTO ADAPTADO DO ORIGINAL: CARRIJO, Elizângela.** Há acervos teatrais em Brasília? In AZEVEDO, Elizabeth C. R. I Seminário de Preservação de Acervos Teatrais, 2012, *Anais*. São Paulo: USP-PRCEU; TUSP; LIM CAC, 2015, p.69.

**\*\* ELIZÂNGELA CARRIJO:** Professora no Curso de Museologia, Faculdade de Ciência da Informação, da Universidade de Brasília (UnB). Bacharel e licenciada em História, Mestre em História Cultural e Doutoranda em Comunicação Social - todas as titulações pela UnB. Contato: [ecarrijo@unb.br](mailto:ecarrijo@unb.br)